

FAMILIA TURRA

Originários de Belluno, chegaram ao Brasil em 1899.

João, Ângelo e Lodovico vieram órfãos.

Lodovico, aos 21 anos, casou-se com Florinda Zancanaro, que veio ao Brasil com 8 anos, com mais cinco irmãos.

Residiram em Linha Emília e posteriormente Dois Lajeados – Rio Grande do Sul.

Após 15 anos de matrimônio, faleceu aos 36 anos.

Deste matrimônio nasceram 8 filhos, entre os quais Giácomo Turra, conhecido em vida por JACÓ.

Florinda Zancanaro, viúva, após o falecimento de Lodovico, muitos anos depois casou-se com Vicente Andrezza, com quem viveu por 19 anos. Não tiveram filhos.

GIÁCOMO TURRA, Nasceu em Dois Lajeados, na época Guaporé, no dia 01/11/1901

Casou-se com **ANGELINA COSTELLA** no dia 09/02/1925 em Dois Lajeados – RS

Foram padrinhos de casamento José e Antônia Brandalise, também Luiz e Assunta Smaniotto, na mesma igreja que Giácomo ajudou a construir.

O casal transferiu-se em 1927 para Rocinha, na época município de Santa Rosa, e posteriormente, Três de Maio-RS.

Junto com Giácomo vieram a esposa Angelina, o filho Dovilio (com 18 meses), os irmãos João, Maria, Brígida e a nona, viúva Florinda Zancanaro Turra. Ali já residiam Ângelo e Jacomina Turra.

Pioneiros, além de plantar roça, feijão e milho, sempre cultivaram parreiral grande, produziram vinho bom, mesa grande, muita polenta, queijo, salame, trabalho duro, sacrifícios e coragem.

Em 1936 um incêndio destruiu a casa, documentos, memórias e todos os pertences da família. Só sobrou a roupa do corpo.

Giácomo foi marceneiro, carpinteiro. Construiu muitas casas, galpões, escolas, igrejas. Foi o primeiro goleiro do time de futebol de Rocinha. Sempre foi membro atuante na diretoria e na comunidade e sempre gostou de jogar baralho, quadrilho, três sete e mora.

Com dedicação, trabalho e exemplos, o casal criou e encaminhou na vida 12 filhos.

TURRA, GIÁCOMO e ANGELINA COSTELLA

Giácomo como seus ancestrais os troncos familiares Turra, Maschio, Zancanaro e Brustolin, todos originários de Roca D'Arsiè

Belluno Itália e se estabeleceram em Linha Emília, hoje município de Dois Lajeados, anteriormente Guaporé – RS.

Florinda Zancanaro, 15/09/1880 - 05/03/1958, mãe de Giácomo, nasceu na Itália, filha de Giácomo Zancanaro e Giácoma Brustolin, veio da Itália com 8 anos de idade com mais 5 irmãos.

Lodovico Turra, pai de Giácomo, veio ao Brasil juntamente com seus irmãos, João e Ângela. Os três, órfãos, filhos de Ângelo Turra e Giácoma Maschio chegaram em 1889. João voltou para a Itália e Ângela casou com Ferdinando Brustolin. Não se tem mais informações sobre a mesma. Lodovico permaneceu e é o tronco da descendência que destacamos neste documentário.

Lodovico Turra, 30/07/1878 - 26/07/1914, aos 21 anos casou com **Florinda Zancanaro**, residiram em Linha Emília, posteriormente em Dois Lajeados – RS e tiveram 10 filhos. Quinze anos após o casamento Lodovico faleceu com 36 anos de idade em consequência de uma queda do cavalo. Brígida, a filha caçula tinha alguns meses de existência.

Filhos de Lodovico e Florinda:

ANGELO x Albina Costella (8 filhos), GIÁCOMO x Angelina Costella (12 filhos), JOSÉ x Zelinda Ferronato (14 filhos), ROSA x João Ferronato, GIACOMINA x João Madalozzo (4 filhos), JOÃO x Virgínia Refatti (5 filhos), MARIA x João Perinazzo (2 filhos) e Santo Taffarel (4 filhos), BRÍGIDA x Luiz Concli (6 filhos).

Os anos se passaram com muitas dificuldades, os filhos cresceram e alguns se casaram em Dois Lajeados. A família saiu em busca de novos horizontes, promissores para todos, onde pudessem trabalhar e construir o desejado futuro melhor.

Em 1920 **Ângelo** Turra casado com Albina Costella e **José** Turra casado com Zelinda Ferronato, vieram residir em Guerrilha Tucunduva. Em 1927 Giácomo Turra, Ângela Costella e o filho Dovilio, com 20 meses, também migraram e se estabeleceram em Rocinha nas terras atualmente pertencentes filho caçula João Sebastião Turra. Alguns meses depois Ângelo, foi buscar a mãe e demais irmãs que permaneciam em Dois Lajeados. "A viagem com a mudança foi de carroça e demorou 11 dias", testemunha Brígida, a única filha do casal, ainda viva com 92 anos.

Florinda com os filhos morou com a família do filho Ângelo enquanto construía uma casa para morar, localizada nos fundos da terra de João e de Giácomo. Casados, os filhos tomaram diferentes rumos entre os quais Horizontina, Tucunduva, Tenente Portella, Paraná.

Em Rocinha só permaneceram GIÁCOMO e JOÃO que constituíram suas famílias e colaboraram na construção da história da Comunidade.

Muitos filhos e netos destes dois tronco integram as comunidades de Rocinha, São Caetano, Lajeado Bordado e Cidade de Três de Maio.

Neste local construíram morada, roça, potreiro, pomar e parreiral.

Giácomo juntamente com o filho Dovilio, na década 1950, montou uma marcenaria, movida a motor estacionário a óleo diesel, localizada onde é o galpão e propriedade de Dovilio. O empreendimento funcionou durante 10 anos produzindo móveis, cangas, carroças, pipas, bancos de igreja, caixa de lenha, tulhas de farinha e todas as peças de madeira necessárias utilizadas na época. Os altos impostos inviabilizaram a continuidade e também porque tardava a chegar à energia elétrica.

A família, constituída de 12 filhos, se manteve na agricultura e criação de suínos. Destacou-se no cultivo de parreiras, produção de vinhos e grapa destilada das cascas da uva. Giácomo se dedicou a esta atividade até que sua saúde permitiu, pois sofria da coluna. Andava curvo e apoiado em uma bengala. Outra atividade desenvolvida com habilidade foi a construção de casas, escolas e galpões de madeira no início da colonização local, além de ser um dos primeiros goleiros do time de futebol.

Giácomo foi uma pessoa esclarecida, por muitos anos foi assinante e leitor assíduo do Jornal Correio Rio-grandense onde se mantinha informado e atualizado até próximo dos 90 anos.

Compartilhou de momentos decisivos na comunidade, entre os quais na construção da capela atual. Era presidente nos anos que antecederam o início das obras e com os demais membros reuniram parte do material para começar o empreendimento futuro.

Em 1945 chefiou a construção da cancha de bochas e o cemitério localizado atrás prédio da FAG e que antes se localizava onde reside o Olmes Peripolli, terra que pertenciam a Boles Richter.

Algumas informações relativas aos irmãos **Giácomo e João** são semelhantes, eram vizinhos e se ajudavam mutuamente, por isso destacamos em conjunto. Giácomo morava na parte alta e mais plana e João abaixo, com abundância de água. Uma ótima fonte abastecia as duas propriedades. No início a água era carregada, a muque, morro acima, em baldes para atender o consumo de casa e dos animais. Uma bica de coqueiro canalizava a água da fonte para um grande tanque de madeira e mais tarde de alvenaria, onde as duas famílias se serviam para lava roupas em água corrente. Alguns anos mais tarde as novas tecnologias simplificaram a vida de todos e principalmente reduziram os esforços. Primeiro o Monjolo e depois o carneiro sugava a água da fonte

e impulsionava para uma caixa em cada propriedade para facilitar a vida de todos.

Com a grande quantidade de pedras existente nas duas áreas as mesmas foram utilizadas para fazer longas taipas para controlar erosão, degraus para subir o morro, divisórias dos poteiros, encerra de porcos, paredes dos porões, calçada ao redor das casas, piso nas estrebarias, enfim, a pedra de tropeço foi muito bem utilizada a favor da moradia e beleza da propriedade.

Em cada propriedade um grande parreiral, circundado com pés de figo, "riticum", Roman, muitas macieiras de diversas qualidades utilizadas para consumo e produzir "schmier", frutas secas, conservas para passar o ano. Na época da colheita a casa do nono se tornava a grande casa que acolhia filhos, noras, genros e netos. Adultos e crianças, todos se envolviam, no corte, recolher cachos e grãos que no chão caíam, carregar cestos nas carriolas, transportar na carroça até o porão, amassar e transpor para as grandes pipas, tudo animadamente. A ajuda de todos era fundamental na poda das parreiras e colheita da uva. Estas lembranças permanecem muito vivas na memória daquelas que eram crianças na época.

Os primos costumavam jogar futebol na gramas do poteiro, desde os tempos em que a bola era feita com panos preenchida com palha, cabelo de milho, ou qualquer coisa semelhante.

Como havia taipas, as galinhas faziam seus ninhos entre as pedras da taipa. Daí nascia pintos em grande quantidade. Por vezes os primos faziam concurso no lançamento de pedras e o alvo eram os pintos. Era tanto pinto que os pais nem notavam a falta destes. Há poucos anos em conversa entre eles revelaram estes fatos e outras proezas da sua infância e adolescência.

Um costume bonito e marcante era o de reunir as famílias era cantar a noite. As cantorias ecoavam pelas canhadas, noite afora, e era ouvida e respondida por outras famílias vizinhas e distantes especialmente as famílias De Carli, Tibolla, Benedetti. Virgínia, Angelina e a nona Florinda tinham talentosas vozes e repassaram aos filhos e netos o gosto pelo canto e a música.

A bisnona Florinda Zancanaro Turra, viúva e com filhas solteiras, veio fazer morada próximo dos filhos Giácomo e João do outro lado do rio Rocinha e depois das filhas casadas ela permaneceu na residência, casada com Inocente Andrezza e ali conviveram 19 anos, até Inocente falecer.

TURRA, JOÃO e VIRGÍNIA REFATTI

João, 12/02/1910 -18/06/1978, filho dos Imigrantes Italianos Ludovico Turra e Florinda Zancanaro, nasceu em Guaporé e com nove anos, em 1926, veio com a mãe e irmão para esta região e nunca mais voltou para a terra natal.

Virgínia Refatti, 14/02/1915 -11/10/2001 é filha dos imigrantes italianos André Refatti e Ângela Gelatti, que se estabeleceram em Vale Vêneto - Cachoeira do Sul, local onde nasceu Virgínia e os irmãos Eugênio, Anselmo, Boni, Júlio, Césire, Elide, Elzira.

João perdeu o pai quando tinha três anos e chorava muito pedindo pelo pai. Pobre, com a mãe viúva, poucas condições, muito jovem começou trabalhar como peão em Barracão e Campininha, no município de Tuparendi. Depois veio morar em Rocinha com seu irmão Giácomo. Começou abrindo picada, fazendo uma rocinha, para plantar e colher para si. Conseguiu adquirir uma pequena área de terra próxima a do seu irmão, muito rica em fontes de água e que servia às duas propriedades. Construiu uma casinha e casou com Virgínia, local hoje pertencente ao filho Nelson. Nessa propriedade, constitui família de 6 filhos: ANTÔNIO, ELZA, IRMA, NELSON e ZÉLIA.

Enfrentaram muitas dificuldades trabalhando como diarista, na roça, cultivando de tudo um pouco, criação de porcos, galinha, fazendo vinho. Prosperaram e adquiriram uma área de terra lenheira que pertencia a Júlio Refatti, Fortunato Baldissera e Francisco Dembogurski, formando uma única propriedade com 37 hectares de terra. Com o tempo construíram uma casa de alvenaria, com um porão grande onde fabricavam o vinho. Neste porão havia uma vertente onde a água escoria em toda sua volta, canalizada em sulcos feitos no chão que mantinha a temperatura sempre agradável.

Além de parreirais, cultivavam de tudo um pouco para subsistência familiar e algumas sobras anuais.

João foi um futebolista devotado, torcedor fanático do Internacional, topava qualquer discussão, na defesa de seu time do coração. Jogava futebol com filhos, sobrinhos, vizinhos. No Esporte Clube Fátima de Rocinha era atleta com a turma de sua época. Os seus filhos, netos e bisnetos são seguidores deste esporte, bons e destacados jogadores.

No final dos anos 50 o casal João e Virgínia, deixou os filhos na colônia e mudou-se para a vila em Rocinha, onde, por alguns anos, juntamente com Avelino Salanti e Miguel Corso manteve o Bar e

sorveteria. Era centro de encontro de amigos e comércio de sorvetes e picolés saborosos, local onde hoje o seu sobrinho, Antônio Nelson Turra, mantém seu comércio com gêneros de primeiras necessidades, ao lado do Posto de Combustíveis. Nesta morada hospedou os professores Albino Ivanoswki, Ady Porto Vergara e Adriano Ferreira, além de Rosalino Correa e Onorino Brum. Alguns anos após retornou a casa de origem onde residiu na companhia do filho Nelson. Ao lado morava o filho Antônio coma família.

João era uma pessoa de saúde frágil, com problemas respiratórios e de garganta. Buscava com frequência tratamento em Santa Maria e Ijuí. Criavam porcos e com o dinheiro da venda dos mesmos, era empregado no tratamento. Isto por 18 anos. Fez uma cirurgia na garganta (traqueostomia) para permitir a respiração. Assim viveu por vários anos. Até finalmente se generalizar um tumor maligno, que lhe ceifou a vida aos 68 anos.

Quando o filho Antônio e família passaram a residir com o sogros Antônio e Antônia Salanti, Virgínia com Nelson continuaram residindo na propriedade e na lida agrícola. Pelos anos 80, Nelson adquiriu uma pequena fração de terra, nas margens do rio Rocinha e próximo do Antônio. Para este local, então, Nelson e família com a Virgínia, transferiram residência, onde permanece até os dias atuais. A antiga morada, foi abandonada e desfeita

Virgínia, sempre uma pessoa saudável, porém com idade mais avançada, a saúde foi se comprometendo, Havendo o acompanhamento médico. Porém, sempre com boa aparência e disposição para trabalhar, andar, visitar outras pessoas, aliás o que ela gostava de fazer e de maneira prazerosa.

A princípio, acometida por Gastrite estomacal. Depois por problemas cardiovasculares, cuja resistência física, foi cedendo aos poucos, até falecer deixando um testemunho de vida, de trabalho, fé e solidariedade na sua longevidade atingindo os 86 anos.

Virgínia era uma mulher de fibra e ao lado dos filhos sempre trabalhou na roça sem se aposentar, apesar das várias tentativas. Só após seu falecimento este benefício foi usufruído pelos herdeiros.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ELZA x Arcile Benedetti (6 filhos); ANTÔNIO x Gersemina Salanti (7 filhos); IRMA x Agostinho Bottega (4 filhos); NELSON X Ema Simionatto (3filhos); ZÉLIA x Nelson Roratto (3 filhos).

ANTÔNIO e família, em 1988, transferiram residência para Formosa-GO. Alguns tempo depois, inesperadamente, faleceu vítima de trombose em uma das pernas. Dez meses depois a esposa Gersemina, era colhida também, vítima de câncer nas glândulas mamárias. Deixaram

órfãos filhos menores. Lucas com apenas 4 anos de idade, foi criado pela suas irmãs Marta, Ieda, Elis e os irmãos Romeu, Cláudio e Clairton. Romeu reside em Cristalina-Go e dedica-se a agricultura. Cláudio e Clairton residem em Formosa-GO. Lucas e as "gurias" Marta, Ieda e Elis, residem em Natal – RN.

ELZA, viúva, reside em Três de Maio com a filha Marlene, próximo da Marina e família, Dinamara reside em Santa Rosa. Antônio, Luiz e Flávio residem em Formosa - GO.

IRMA reside em Rocinha com o filho Elton. Leiri em Cristalina-GO. Lair e Família em Três de Maio e Laurení em Tucunduva com a família.

ZÉLIA e família residem em Santa Rosa e os filhos atuam com revenda de automóveis.

NELSON e Ema residem em Rocinha, a filha Cenir e família em Lajeado Bordado, Sadi e Sandra, com suas respectivas famílias em residem em Coronel Bicaco.

TURRA, JOSÉ e ZELINDA FERRONATTO

Residiram em Lajeado Guerrilha, tiveram 14 filhos. Entre estes filhos ZEFERINO fez parte da comunidade de Rocinha, enquanto trabalhava na Marcenaria do seu tio Giácomo e primo Dovelio.

Zeferino casou com Lídia Genoveva, filha de José Peripolli e Izabel Dalbém e tiveram sete filhos: Venildo, Vilmar, Inês, Valmor, Vilson, João e Sandra. Em decorrência do incêndio na residência tudo foi consumido pelo fogo. O casal e os filhos foram acolhida por familiares.

Vilmar e Vilson foram residir na família de Giácomo Turra. Valmor ficou com a família de Pedro Dalben em Santa Rosa. Venildo e Inês ficaram com a família de João Turra e os demais irmãos foram adotados pelos parentes do lado materno.

Onze anos após o casal se uniu novamente.

Vilmar estudou no curso primário em Rocinha, no ginásio no Pio XII em Três de Maio e secundário em Tucunduva. Neste tempo fazia parte do grupo de futebol e de jovens. Ingressou no Seminário dos Padres do Sagrado Coração de Jesus onde esteve por alguns anos. Por 35 anos, a partir de 1976, atuou na Secretaria Estadual da Fazenda e se aposentou em 2011. Residem em Pato Branco – PR, desde 1994, com esposa Nilza Maria Tolotti e os filhos Eduardo e Juliana. Formado em

Direito. Muitas coincidências com a história da vida com o Valdir Busanello

Venildo, após sua formação básica junto com a família de João e Virgínia partiu para Ijuí para cursar o Técnico Agrícola. Muito bem integrado naquele município, casado com Ana de Souza, tem três filhos. Pessoa dedicada em Ijuí atuou como professor e diretor de escola. Está aposentado, bem sucedido, foi Coordenador Regional da Educação, gosta de política, da cultura, do tradicionalismo gaúcho.

Inês casada com Pedro Lorenzetti reside em Vila Pitanga - Dr. Maurício Cardoso, com três filhos, atuam na agricultura e hortigranjeiros.

Vilson no início ficou sob a guarda da família de João Menin em Guerrilha – Tucunduva e depois passou a viver sob a tutela de Giácomo Turra. Sempre residiu em Mangueirinha – PR e trabalha com máquinas pesadas (esteira), casado o casal foi abençoado com quatro filhos.

Valmor, depois de residir por longo período no Mato Grosso, atualmente reside na praia de Itapema, onde se dedica a atividade de construção civil.

João reside em Várzea Grande – MT e trabalha no comércio.